OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 423

21 DE SETEMBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Eu comprehendo perfeitamente que em frente dos acontecimentos graves que n'estes ultimos dias se deram em Lisboa e no Porto, o dever da chronica era historiar esses acontecimentos tão melindrosos e desgraçados, tão profundamente tristes e desconsoladores, mas não cumprirei aqui esse dever por dois motivos; primeiro, porque a politica teve n'esses acontecimentos desastrosos o principal papel; segundo, porque o OCCIDENTE tem uma chronica especial para tratar d'esses assumptos.

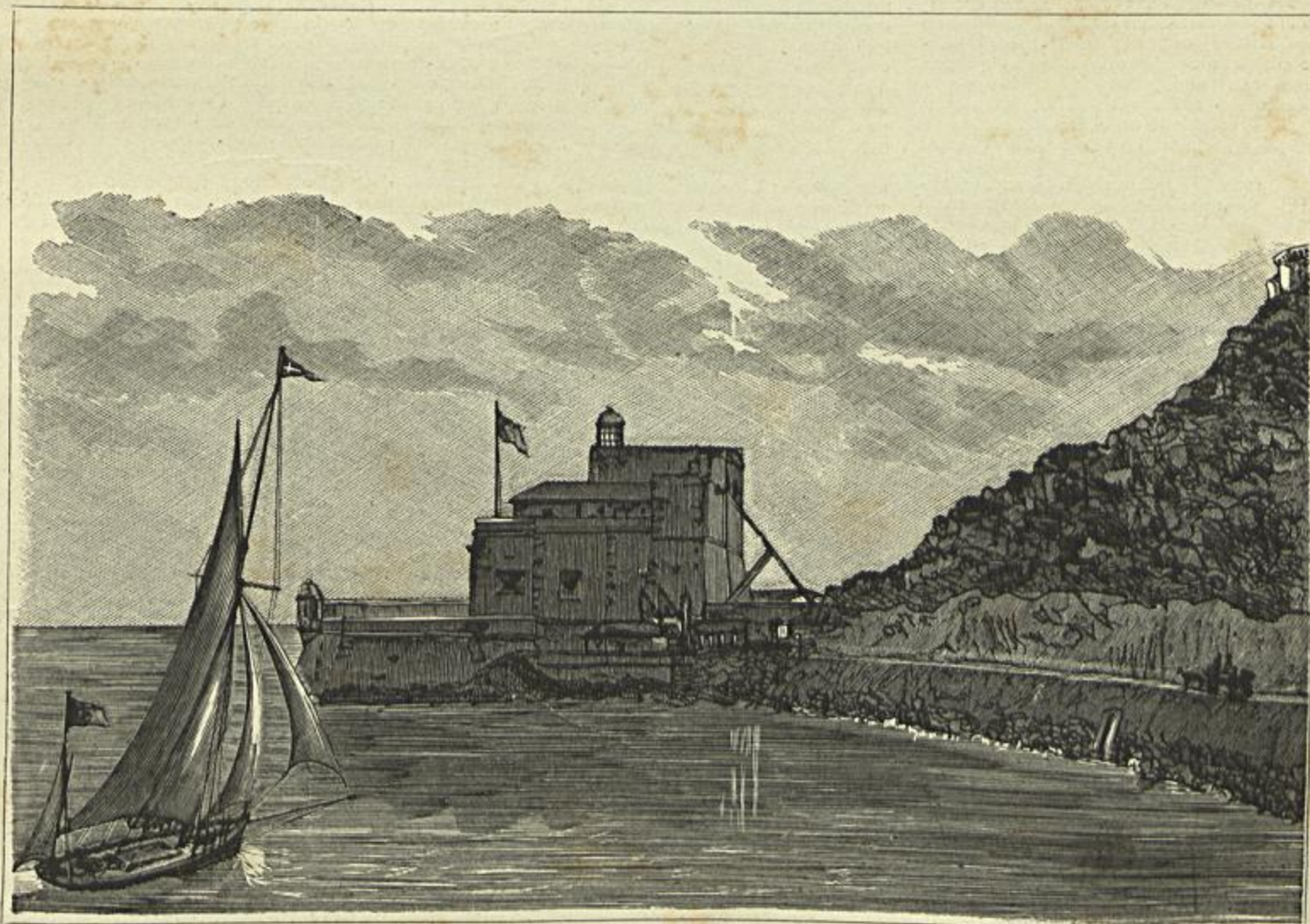
Alheio systematicamente a tudo que é politica, como muitas vezes o tenho dito e não me canço de o repetir, não era com certeza n'este momento em que a politica justifica deploravelmente toda a repugnancia que sempre lhe tive, que eu devia quebrar essa abstenção, de que cada dia que passa me applaudo mais.

Nunca, desde que principiei a rabiscar em jornaes me chamou Deus para esse caminho, nunca me assaltou a tentação de querer governar o meu paiz, e quando ha annos um amigo meu dos mais queridos, um companheiro e um mestre nos trabalhos das lettras e do jornalismo, cujo talento excepcional e excepcional caracter se impõe á admiração e ao respeito de todos, foi a minha casa participar-me que fôra chamado aos conselhos da corôa e convidar-me para eu assumir a redacção politica do jornal de que elle era a gloria, eu respondi-lhe sem hesitar que não, pedi-lhe em nome da nossa velha amisade que me dispensasse d'isso, que me deixasse ir continuando socegadamente e obscuramente a tratar das minhas peças e das minhas chronicas, na tranquillidade calma da minha consciencia, no doce remanso sereno do meu modesto e alegre lar.

Elle teve a delicadeza de não insistir, comprehendendo bem que a minha resolução era sincera e inabalavel, e não de forma alguma um pretexto para me fazer rogado, e ainda não ha oito dias que elle conversando excepcionalmente comigo em coisas politicas porque esse assumpto é sempre banido das nossas conversações em proveito dos assumptos litterarios e artisticos, se referiu a essa nossa entrevista de ha annos, e dizendo-me: «Muito bem fez você» accrescentou «Quem me dera hoje poder fazer o mesmo!»

E julgo explicado de sobejo o meu primeiro motivo.

O segundo, tem uma explicação que é quasi a mesma historia.

O proprietario do OCCIDENTE quando teve a idéa de abrir uma secção especialmente consagrada aos acontecimentos politicos e me consultou a esse respeito, teve a amabilidade de, apezar talvez da creação d'essa secção especial ser pro-

A TORRE DE S. THIAGO DO OUTÃO

vocada pela abstenção absoluta da politica que havia nas minhas chronicas, me convidar para eu me encarregar d'essa nova secção.

Recusei terminantemente que não podia deixar de o fazer, e os leitores teem que me agradecer essa recusa, pois mercê d'ella tomou a seu cargo a Revista Politica o meu presado collega João Verdades, que tão brilhante e imparcialmente se tem desempenhado d'esse difficil encargo, e é claro que havendo uma secção politica no Occidente eu não podia nem devia ir de forma alguma tratar na minha chronica de assumptos que a essa secção pertence, fazer com ella *double emploi*.

E explicados estes dois motivos porque a minha chronica não trata d'esses ultimos desgraçados acontecimentos que se tem dado nas ruas de Lisboa, vou, cumprindo uma promessa, consagral-a a um assumpto que de ha muito espera o seu momento, aos livros que ha já mezes tenho sobre a minha banca, sem d'elles dar, como é meu dever e prazer, noticia larga aos nossos leitores.

Começarei por um livro muito interessante, de uma leitura muito facil e muito agradavel, escripto por um homem de lettras distinctissimo, que é ao mesmo tempo um prosador brilhante, um erudito e um pensador — as *Viagens na Galliza*, do conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta.

E uma boa sorte faz com que eu tendo de fallar d'esse excellente livro, possa dizer todo o bem que d'elle penso, e ao mesmo tempo dizer o bem que pensam d'elle escriptores estrangeiros, registar a maneira como lá fora esse livro é apreciado, como um notavel critico hespanhol faz plena e rasgada justiça ao talento brilhante do nosso illustre compatriota.

Esse critico é o sr. H. Giner de los Rios e fomos encontrar casualmente o seu artigo n'um jornal madrileno que não conheciamos, e cujo primeiro numero que nos veio parar ás mãos trazia esse artigo que é tão justo para Silveira da Motta ao mesmo tempo tão lisongeiro e tão agradavel para nós todos portuguezes.

Esse jornal chama-se *El Libre Pensamiento* tem já oito annos de existencia, é do formato da *Iberia* e do *Estandarte* mas muito mal impresso, o que lhe dá o aspecto d'um jornal antigo.

El Libre Pensamiento dedica o seu numero de domingo exclusivamente á litteratura, e então esses numeros litterarios tem o titulo de *Las Dominicales*.

Foi n'uma d'essas *Dominicales* que nós encontrámos o artigo do sr. Giner de los Rios, artigo de que vamos traduzir os principaes trechos, já porque concordamos plenamente com elles, já porque entendemos fazer um serviço ás nossas lettras mostrando como o trabalho d'um dos seus distinctos cultores é apreciado no estrangeiro.

O livro do sr. Silveira da Motta — *As Viagens na Galliza* — é a compilação em volume das impressões da digressão que fez pela Galliza no anno de 1886, impressões notadas quasi que dia a dia, de 15 de maio a 11 de junho, as impressões d'um observador fino e d'um litterato erudito, escriptas com uma grande singeleza de estylo que não exclue a elegancia e a vernaculidade, com uma fina critica de viajante illustrado, que conta o que vê, e analysa e compara, e commenta, com uma grande bonhomia que não exclue a critica profunda e sagaz.

O livro tem dez capitulos, cada um dedicado a cada cidade que o illustre academico percorreu, excepto a de Orense que por mais importante lhe mereçe dois capitulos e a leitura d'esses dez capitulos é deleitosa e aprazivel, como uma viagem e ao mesmo tempo interessante e instructiva como a leitura d'um livro d'estudo.

O sr. Giner de los Rios comprehendeu muito bem a intenção do livro e faz-lhe completa e ampla justiça.

O seu artigo abre por uma reflexão muito sensata, muito verdadeira acêrca d'esse facto inexplicavel que se dá entre Hespanha e Portugal, de que sendo as duas nações visinhas, fallando ambas quasi que a mesma lingua, os livros portuguezes só excepcionalmente são conhecidos em Hespanha e os livros hespanhoes só excepcionalmente são conhecidos em Portugal.

«Os livros portuguezes chegam mais tarde ao nosso conhecimento do que se em vez de virem de Portugal viessem da China, e assim é só agora que nos vem parar ás mãos o livro *Viagens na Galliza*, do sr. Silveira da Motta, que a todos os respeitos merece enthusiastico applauso. As cidades visitadas pelo auctor são Vigo, Pontevedra, Villagarcia, Santiago, Coruna, Lugo, Orense, Rivadavia e Tuy, e em cada uma d'ellas se detem a considerar os monumentos artisticos, os costumes, a historia, a paisagem, as industrias, as culturas, e todos os aspectos da vida de hoje ou do passado que podem interessar o leitor.

«Impressionista sincero copía no seu livro quadros d'uma verdade e d'um realismo extraordinarios, que encantam pelo seu colorido como se fossem aguarellas, e observador minucioso e consciencioso descobre aspectos dos costumes e habitos da vida social que passam desapercebidos á numerosa maioria dos viajantes. Artista por excellencia e conhecedor do typico da nossa Hespanha sabe synthetisar ás vezes, ás vezes marcar por exclusão um typo como por exemplo ao fallar da mulher gallega, da qual escreve :

«Quanto a gentileza não tem a graça feiticeira das andaluzas, nem o gesto altivo e dominador das catalãs, nem a fagueira simplicidade das aragonezas, nem a suavidade angelica da formusura valenciana ; bastam-lhes para encanto as faces rosadas e alegres, os olhos limpidos e meigos, o riso franco e benevolo, e profusos brilhantes cabellos, que descem garridamente sobre os hombros em longas espiraes».

Enlaçada a nossa historia á do paiz irmão, as nossas tradições ás lusitanas, descorre e salta de recordação em recordação atravez dos tempos e logares, descobrindo na mansão senhorial dos Rubianes o ascendente do grande Camões, em cada povoação das fronteiras as communs origens do direito municipal, em cada manifestação do culto as mesmas superstições e analogas auctoridades communs tambem desde remotissimo tempo, como acontece com o prelado de Braga que tem em Portugal o titulo de primaz das Hespanhas.

«Lendo e relendo o delicioso livro nota-se o mesmo gosto que se se estudasse um auctor favorito hespanhol ; tal é o seu peregrino engenho peninsular inteiramente isento da moda ultrapyrinaica na narração, taes são as fórmas elegantes do seu estylo meridional, tal o seu espirito caracteristico d'este pedaço do Meio-dia. Silveira da Motta sabe dizer as cousas com sal attico, com attenuantes discretissimas na fórma, mantendo no fundo integra a apreciação; de modo que censura as pessoas ou os factos sem molestar, e ao mesmo tempo sem que deixe de resplandecer a verdade e cumprir a critica a sua alta missão.

A's vezes parece-se com Musset quando em meio de poetica descripção intercala phrases como esta : «Sei por diuturna experiencia que ninguem deve denunciar os proprios defeitos, usurpando assim aos amigos a tarefa que alegremente desempenham» ás vezes abandonando o pessemismo sentimental pinta o dia do mercado com a explendida riqueza de Gautier» em occasiões ao limitar-se a dar idéa das suas hospedagens fal-o encerrando o conceito n'uma só phrase ficando tudo photographado como obra de Balzac, e em fim em muitas paginas deleita como Amicis pela ausencia de artificio; pela ternura, pela ingenuidade, pelo humorismo.

«Dissemos já porem que Silveira da Motta era um escriptor genuinamente peninsular e entretanto não nos ocorreu comparal-o com nenhum dos grandes mestres no genero que existem dentro de Portugal e Hespanha.

«Será que a nossa penna tenha querido instinctivamente collocal-o em primeiro logar e fora de toda a comparação com os seus ? — Pode ser.

«Será que quisemos fugir de violental-a encontrando-lhe parecenças com as nossas ? Talvez.

«De todos os modos a sua parecença e feliação é de familia, coisa que honra, ao passo que a sua personalidade está tão accentuada litterariamente, que se pode bem affirmar que Silveira da Motta só se parece comsigo mesmo.»

Como veem o artigo do critico hespanhol, é tudo o que ha de mais lisongeiro para o illustre escriptor portuguez, e levados a traz do chôro quasi que o traduzimos na integra, mas não o lamentamos porquanto estamos plenamente de accordo com a opinião de Giner de los Rios a respeito de Silveira da Motta.

O espaço de que podemos despor para a chronica não nos permitte escrever hoje de mais nenhum livro, apesar de nos estarem a saltar dos bicos da penna os elogios a que tem jus, os louvores a que tem direito indescutivel, o notavel livro que acabamos ha pouco de reler e de que na proxima chronica nos occuparemos detidamente: — o *Gil Vicente* do sr. Visconde de Ouguella.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A TORRE DE S. THIAGO DO OUTÃO

O castello do Outão, como vulgarmente lhe chamam, que tantos annos para ahi tem jazido no esquecimento, chamou ultimamente, sobre si as attenções publicas, tendo chamado primeiro a attenção de El-Rei D. Carlos.

El-Rei D. Carlos, ainda principe herdeiro, fez varias viagens a Setubal no seu yat *Amelia*, e teve occasião de ver a velha torre que se ergue á entrada da barra de Setubal, com o seu aspecto militar e vetusto dos tempos em que em Portugal os castellos não eram simples reliquias do passado, mas boas defezas dos povos contra as arremettidas dos serracenos e contra as ambições de Castella.

O joven principe agradou-se da velha fortaleza, fundada sobre a ponta de um rochedo, como uma sentinella do formoso Sado ás portas do Oceano, e parece que desde logo concebeu a idéa de a aproveitar para sua residencia na estação balnear.

O que é certo é que ha pouco mais de dois mezes, o governo mandou proceder a grandes obras na velha torre, reconstruindo e restaurando algumas das casas que já ali existiam, e fazendo-se novas construcções ligeiras, de madeira, a completar os aposentos que faltavam para accomodar a familia real e sua comitiva.

Essas obras, dirigidas pelo distincto engenheiro sr. Xavier da Silva estão concluidas, e é claro que, no curto espaço de tempo em que se fizeram, não podiam deixar de ser ligeiras, apesar dos muitos braços n'ellas empregados.

Exteriormente as novas edificações nada offerecem digno de menção. Não passam de uns barracões de madeira cobertos de telha de Marselha. Interiormente, porém, fizeram-se trabalhos decorativos de muito gosto tanto em obra de talha como em pintura, sendo o sr. Cotrim o encarregado da decoração.

Algumas casas que já haviam na torre foram destinadas para quartos de dormir e de toucador sendo este decorado no estylo de Luiz XIV, e as casas novas para salas de jantar e de fumo, cosinha e outras dependencias

A sala de jantar está primorosamente decorada em estylo de Henrique IV, e a sala de sua magestade em estylo byzantino.

Como complemento d'estas obras foi preciso fazer uma pequena estrada para dar accesso á torre.

Essa estrada mostra-a a gravura da nossa primeira pagina, e foi construida sobre os rochedos a communicar com a estrada que vem de Setubal.

Dissemos no principio d'este artigo que a torre do Outão tem prendido a attenção publica e é facto, porque tem corrido varias versões sobre as sommas que ali se tem gasto, n'uma occasião em que o estado do thesouro obriga ao augmento de impostos e exige emprestimos valiosos.

Isto tem levado a exaggeros de cifras pouco verosimis O que sabemos de verdade que se tem gasto n'estas obras é que não andará muito longe de 100:000$000 réis o que mesmo assim não nos parece pouco nem bem empregado, n'umas construcções que o tempo se encarregará de arruinar em breve trecho.

Agora resta-nos dizer alguma coisa da velha Torre, que no fim de tantos annos tão fallada está sendo.

A Torre de S. Thiago do Outão é um dos melhores specimens que existem no paiz da architectura militar do seculo XVII.

Tem boas pontes levadiças defendidas por baluartes como se pode vêr da gravura da pag. 212.

Na esplanada ha uma pequena capella dedicada a S. Thiago patrono da fortaleza, e que é interiormente decorada com bella obra de talha dourada e magnificos azulejos com pinturas representando a vida do apostolo.

Foi esta fortaleza fundada pelo mestre de Aviz D. João I por 1390, mas reconstruida e augmentada depois por el-rei D. Manoel e por D. Sebastião.

O que hoje ali se vê, porém, é quasi tudo obra do reinado de D. João IV, que lhe mandou fazer grandes obras em 1643.

A torre do Outão foi uma das fortificações que mais resistencia offereceram á invasão dos hespanhoes, que lhe pozeram apertado cerco com um exercito de 22:000 homens, commandado pelo duque d'Alva.

Hoje, pobre torre, vae ser uma estação balnear de El-Rei, e só assim se conservará por mais alguns annos aquelle monumento da nossa historia.

O FORTE DE S. MIGUEL

No extremo da elevação que entra pelo mar dividindo as duas praias norte e sul da Nazareth e sobre o ultimo rochedo sobranceiro ao oceano, levanta-se o forte de S. Miguel, que hoje em dia se encontra arruinado, victima do abandono dos homens e da acção destruidora do tempo. As suas

abobodas e paredes só por milagre se conservam ainda de pé, se attendermos aos effeitos corrosivos das emanações salinas, que reduzem os tijollos a um pó finissimo e recortam no calcareo os mais caprichosos arabescos. Os alicerces d'esta fortaleza são do tempo de el-rei D. Sebastião, que intentou construir o forte para defeza das embarcações que se acolhiam á enseada da Nazareth fugindo dos mouros que piratiavam n'estas alturas.

«Tendo-se porém gastado, escreve Manoel de Brito Alam, a maior parte do que pod'a fazer de custo, e sendo tão necessario como é notorio, não faltarão contradicções. que o diabo nunca deixa de encontrar as bôas obras e bem publico.»

Só passado o dominio hespanhol, no reinado de D. João IV, foi a fortaleza concluida por Manoel Gomes Pereira, que foi o seu primeiro governador.

Pinho Leal attribue a sua construcção a Philippe III em 1600, mas aqui, como em muitos outros pontos da sua obra monumental, engana-se o illustre escriptor, e tão palpavel nos parece o seu engano que não adduziremos argumentos, aliás simplicissimos, que o provem á evidencia.

De resto o forte de S. Miguel nada apresenta de notavel, sendo em tudo semelhante ás fortalezas da mesma epoca que se encontram espalhadas pela nossa costa em pontos mais ou menos estrategicos.

A VIRGEM DA NAZARETH

De todas quantas lendas o Portugal fradesco architectou com fins mais ou menos interesseiros, nenhuma como esta da Nazareth se chrystalisou mais persistente no espirito do nosso povo, em geral rude e simples, e propenso sempre a acceitar o sobrenatural com uma ingenuidade pasmosa.

De resto esta fé, esta crença de que o espirito divino encarnado n'este ou n'aquelle santo que nos acompanha sempre e nos protege em todos os actos da vida, foi decerto um poderoso auxilio d'essa sublime aventura, que teve por glorioso desfecho a entrega de um novo mundo á actividade humana e a descoberta do caminho maritimo para as Indias.

A crença é tudo, especialmente para os homens do mar, que a cada instante encontram a morte debaixo dos pés.

Ainda outro dia na praia, em palestra com um pescador que lamentava a sua vida, narrando-nos os perigos a que se expõe quotidianamente, temendo que a morte um dia o arrebate, lançando a mulher e os filhos na orphandade e na miseria, como a tantos outros tem succedido, dizia-nos elle indicando a ermida da Memoria que lá em cima se ergue entre dois rochedos.

— Ah! que se não fosse aquella que ali está, hem os podiam mandar fazer de barro, que de carne e osso ninguem lá ia ao peixe!

* * *

A lenda é deveras interessante e honra o espirito inventivo de fr. Bernardo de Brito o mais inclito fabricante de patranhas que jámais produziu a ordem de Cister.

Dizem os chronistas que a Imagem Santa floresceu na cidade de Nazareth d'onde veio á Hespanha antes de reinar Recaredo, isto é, antes de 586 da era de Christo. Levantando-se no Oriente a heresia, um monge grego de nome Cyriaco trouxe a imagem para o mosteiro de Caloniana, junto á ermida onde esteve, até que Rodrigo desbaratado pelos Arabes ahi se recolheu, partindo em seguida em direcção ao Oceano, disfarçado em monge, em companhia de um velho monge de nome Romano, levando comsigo a imagem da virgem e as reliquias do apostolo S. Bartholomeu e S. Braz guardadas em um cofre de marfim.

Ao fim de vinte e dois dias de marcha chegaram ao monte hoje chamado de S. Bartholomeu onde Rodrigo ficou, seguindo o monge Romano para os rochedos á beira-mar onde cavou um altar para a virgem e reliquias que comsigo levava.

Passado pouco mais de um anno morreu Romano rogando antes a Rodrigo que o sepultasse junto ao altar da virgem, o que este cumpriu, retirando-se em seguida para Vizeu.

Reinando Affonso Henriques e sendo capitão do Castello de Porto de Móz D. Fuas Roupinho, costumava este valoroso cavalleiro vir muitas vezes á caça pelas brenhas da Nazareth. Em uma d'estas caçadas descobriu o altar e venerou a virgem, mas não a mudou, temendo offendel-a, e supposto a visitasse mais vezes nunca tratou de melhorar a pobre ermida em que estava.

Um dia porém, no mez de setembro, andando á caça, apesar do denso nevoeiro, os cães deram com um veado, ou semelhança d'elle, e D. Fuas arremessou o cavallo em seu alcance, sem receio, por suppor que era tudo terra plana, mas em breve achou-se na ultima ponta do rochedo, que com mais de duzentas braças se deixa cahir ao mar, a tempo em que já não podia nem tinha onde parar o cavallo. Invocou a virgem Maria cuja imagem ali estava. Valeu-lhe ella de modo que lhe parou o cavallo que ficou como se fosse de pedra, e em signal d'este milagre se vêem ainda hoje os signaes das ferraduras do animal gravadas na rocha.

Livre de perigo D. Fuas prometteu erguer uma capella no mesmo sitio, e ao desfazer a primeira acharam as reliquias dos apostolos e um pergaminho em que o monge Romano dava a relação da vinda da imagem para aquellas paragens.

A capella primitiva era aberta por todos os lados em quatro arcos afim de que a imagem fosse vista de todas as partes, mas tiveram de a fechar por causa do damno que dentro faziam as chuvas. Mais tarde el-rei D. Fernando mandou a remover para a egreja onde hoje está e que no decorrer dos tempos foi sendo augmentada.

A pequena capella de Fuas Roupinho ainda hoje existe e dentro encontram-se duas inscripções gravadas em marmore, onde se lê a historia da virgem. Sob o altar existe cavado na rocha o altar primitivo, e uma abertura aonde os romeiros vão buscar terra supponde que ali existem os restos do monge Romano.

* * *

É grande ainda hoje o numero de devotos que concorrem á romaria, mas a verdade é que quem assiste ás festas não póde fazer uma idéa muito edificante da sua fé.

Quando muito um pretexto para comes e bebes, musica e foguetes. Por toda a parte a roleta, uma roleta miseravel, em que o banqueiro mais forte ostenta sobre a mesa umas tristes corôas, que inflammam o olhar dos forasteiros, que de varapau ao hombro e de vera effigie da virgem enfeitada de vistosas lantejoulas, presa á lapella da jaqueta, arriscam um pataco á preta.

Aqui umas mulheres de trajo caprichoso que nos fazem lembrar vagamente os pittorescos vestuarios do norte, offerecem uma mixordia mais ou menos negra a que chamam café, ali uns pregoeiros vendem lenços e chapeos com phraseado pouco escolhido, mais alem nas barracas de quinquilherias, o enlevo da garotada, é grande a algazarra, e dominando todo o ruido do arraial, os sons roucos das trompas, o rufo dos tambores, e o tilintar metallico de campainhas vibradas por pulsos endemoninhados, annunciam ao povo boquiaberto e extatico os grandes espectaculos, os explendidos cosmoramas que tem cousado o assombro de toda a Europa (!) a notavel mulher electrica, e o caso recente da mulher que matou cinco filhos...

E tudo isto é barato; um vintem apenas basta para que toda a gente goze o que ha de melhor no genero, dizem as vozes!

Aqui está um chromo ordinario, transformado em *Verne* capital da *Suissa* alem o *hotel de ville* de Paris é transformado em casa da Bolsa, uma oleographia, annuncia de Lan-lan e Kemp chrisma-se de New York, e um mono muito bem acabado empunhando a bandeira portugueza, em attitude façanhuda tem por baixo em lettras garrafaes: homenagem a Serpa Pinto!

E o povo gosa, diverte se e dá por bem empregado o seu dinheiro, e as indecencias que passa nos dias de festa, longe de casa, dormindo ao relento as mais das vezes, pois não ha casas que cheguem para tanta gente!

Por toda a parte o espirito mercenario! Anda toda a gente a inventar os processos mais extraordinarios para arrancar uns magros cobres ao pacifico aldeão, que cahe na rede com uma facilidade pasmosa.

Verdade seja que o exemplo parte de cima. A primeira casa de negocio, é a Real Casa da Nazareth, cujos empregados não tem mãos a medir com a venda de fitas de varios preços e medalhas de varios feitios.

É um nunca acabar; tudo quer medidas da santa, palmo e meio de fita que tanto mede a imagem da Senhora desde a corôa dourada que tem na cabeça até aos pés.

De vez em quando atravessam a multidão em direcção ao templo grupos de devotos, uns amortalhados de panno branco, outros de joelhos arrastando-se a custo, carregados de cêra, fazendo com o seu ar grave e convicto um contraste frisante com a multidão, que se ri e diz chufas ao charlatão que intervalla os reclames dos seus elixires infalliveis, narrando as proezas heroi-comicas do compadre chegadinho...

A chegada e a partida dos cirios é um dos maiores attractivos da festa. veem á quinta feira e partem no sabbado. Antiguamente é provavel que o espectaculo fosse digno de vêr-se.

Eram em grande numero, e o progresso não lhes tinha decerto tirado o ar caracterisco que hoje não tem.

Este anno foram cinco e entre estes apenas tres importantes: o das Caldas, o de Obidos, e o da Prata Grande.

De balde procurei o juiz de chapeu alto e casaca de que falla a tradicção e em vão quiz vêr as canadas de prata que acompanhavam outr'ora o ultimo cirio, melhor e mais productivo destino lhe deram os devotos. naturalmente.

A' frente d'estas procissões em carros, systema Rippert, umas philarmonicas, que nos trazem reminiscencias dos antigos fardamentos do nosso exercito, executam n'um charivari infernal os compassos da «Portugueza» que veio substituir o hymno da carta em todas as solemnidades, mais ou menos graves. Em seguida uns pendões empunhados por uns homens muito vulgares, cobertos de poeira e lenço branco ao pescoço para resguardar o collarinho, e logo atraz muitos carros, e disse: O da Prata Grande tem uma berlinda dourada, que causa o assombro dos romeiros, dentro da qual vem a santa que, com todas as homenagens é recebida no templo.

Feita a entrada, todos os irmãos vão... comer beber e folgar.

Ai devoção, devoção!

E no meio d'isto lembrar-se a gente dos outros, dos simples, que não vem vêr os cirios, que não vem á festa e que a estas horas da noute, andam longe, muito longe, morejando a vida sobre as ondas, para ganhar um pão, conscios de que a virgem os vê e defende dos perigos, velando sollicita pelo bem estar dos seus...!

J. A.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA

COMMANDADA PELO MAJOR

HENRIQUE DE CARVALHO

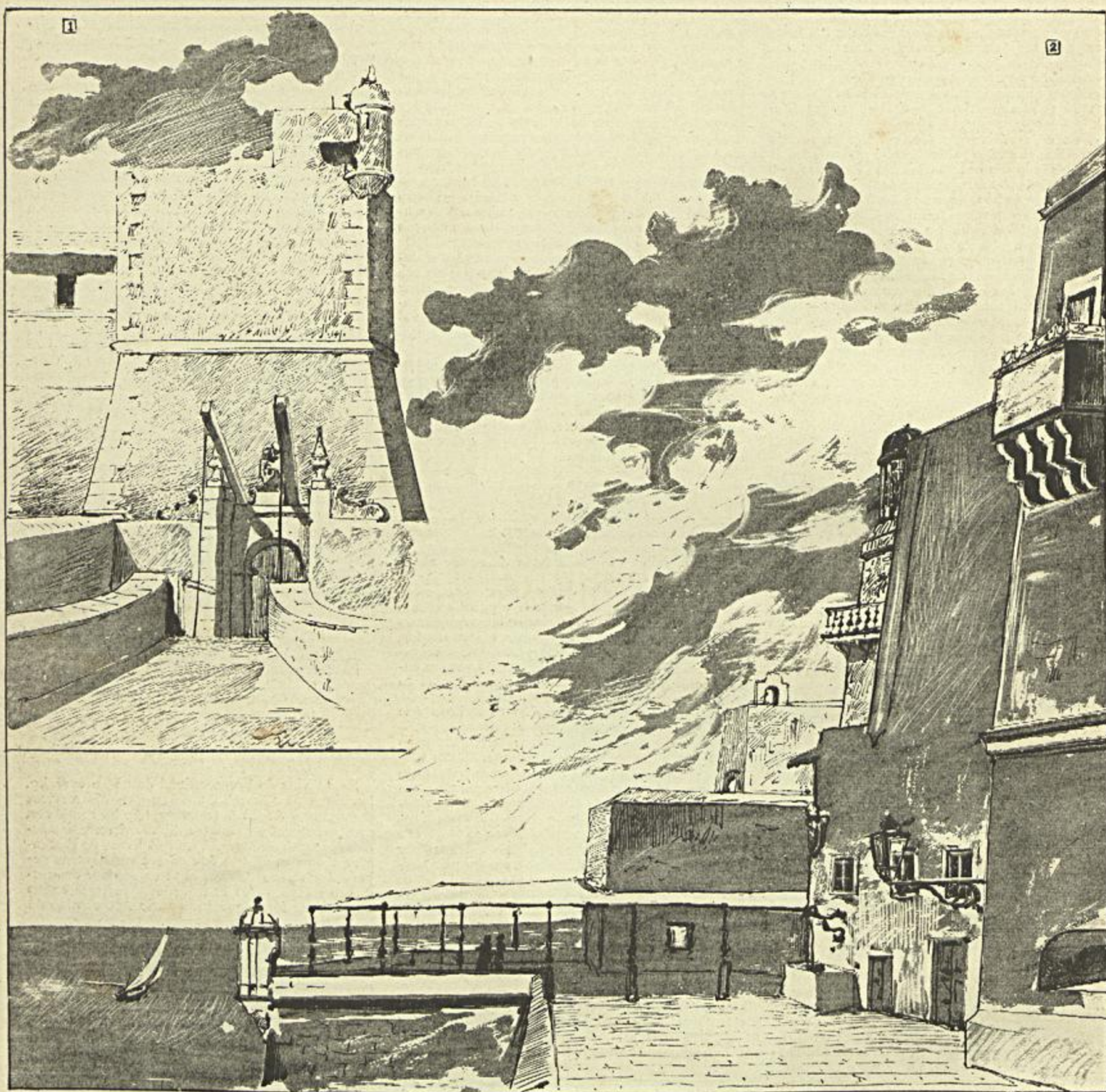
II

Se na vida do bravo official do nosso exercito, Henrique de Carvalho, em seus grandes serviços prestados á Africa portugueza, não ha romances, nem aventuras ou situações dramaticas, como ordinariamente se encontram nos livros de H. Stanley e outros, é certo que na sua obra se nos depara á primeira leitura, muito trabalho, cumprimento rigoroso das instrucções superiores e uma vontade de ferro que tudo vence, no sentido de honrar a bandeira portugueza.

E já que no Occidente temos fallado do notabilissimo trabalho *Expedição Portugueza ao Muatiânvua*, é justo que hoje tratemos de deixar aqui n'estas columnas, publicada a folha de serviços de um militar tão brioso como patriota, e tão illustre como valente.

A ultima missão do major H. de Carvalho, esta a que nos vamos referindo, é um ponto de apoio segurissimo para responder a quaesquer pretenções da Belgica empurrada pelo inglez.

O major Henrique Augusto Dias de Carvalho partiu, pela primeira vez, para o ultramar, em fevereiro de 1867. Era por este tempo alferes, estava-se organisando o contigente que n'aquelle anno devia seguir para Macau, S. Thomé e Principe, e por tal modo se houve Henrique de Carvalho no abastecimento e sustento d'estas praças, que o inolvidavel marquez de Sá da Bandeira desejou conhecel-o, e, quando teve ensejo, offereceu-lhe um dos seus mais notaveis trabalhos sobre a Africa.

Pouco depois chegando a Macau, em junho de 1867, foi Henrique de Carvalho encarregado de dirigir duas escolas regimentaes, ali recentemente inauguradas; — uma de cabos e soldados, — outra de grammatica, geographia e mathematica. A prova da aptidão de H. de Carvalho está na rapidez de promoção dos seus discipulos, cabos, furrieis e sargentos, alcançando muitos d'estes ultimos o posto de alferes; em 1868 foi empregado ao serviço das obras publicas da colonia; em 1869 foi elogiado pelo governador de Macau pelos serviços que prestou por occasião do incendio no *Hotel Oriente*; em 1870 serviços militares notaveis; em 1871 louvado pelo governador de Macau pela maneira habil e corajosa como conseguiu capturar vinte e duas praças que tinham desertado, e por ter soffocado uma revolta; em 1872 nomea-

A TORRE DE S. THIAGO DO OUTÃO — 1 ENTRADA DA TORRE. — 2 A ESPLANADA.

do conductor, chefe de trabalhos das obras publicas; em 1873 finda a sua primeira commissão no ultramar, onde durante mais de seis annos, este official, soube grangear a estima dos seus superiores a par da dedicação dos subordinados.

Ainda em 1873, Henrique de Carvalho, é nomeado para a Ilha de S. Thomé administrador do concelho e depois encarregado do commando e organisação da companhia de policia; em 1874 e 1875 no exercicio do seu logar, elabora estatisticas em todos os ramos de administração. Em 1876 retira Henrique de Carvalho para a metropole a fim de tratar-se de uma grande febre *comatosa*. Era tal a estima que este sympathico militar conseguira entre os naturaes da ilha, que ao espalhar-se que Henrique de Carvalho estava livre de perigo, mais de duzentos pretos de ambos os sexos lhe rodearam a casa, no dia 14 de março de 1876, levando toda a noite em danças e cantos, finalisando as demonstrações de alegria, só no dia seguinte ás oito horas da manhã!

Em 13 de julho de 1877 partiu de novo Henrique de Carvalho para o serviço das nossas colonias dirigindo-se a Moçambique na qualidade de administrador do concelho. Pouco mais de um mez, depois de ali chegado, era Henrique de Carvalho mandando para Lourenço Marques, em seguida para Ibo e por fim para Quilimane.

No 1.º de setembro de 1878 passava para Angola, entrando para o serviço das obras publicas de Loanda. Aqui, entre muitos outros trabalhos technicos, elaborou o projecto e foi encarregado da construcção da *Escola Profissional*, e fez concluir o edificio do *Hospital Maria Pia*.

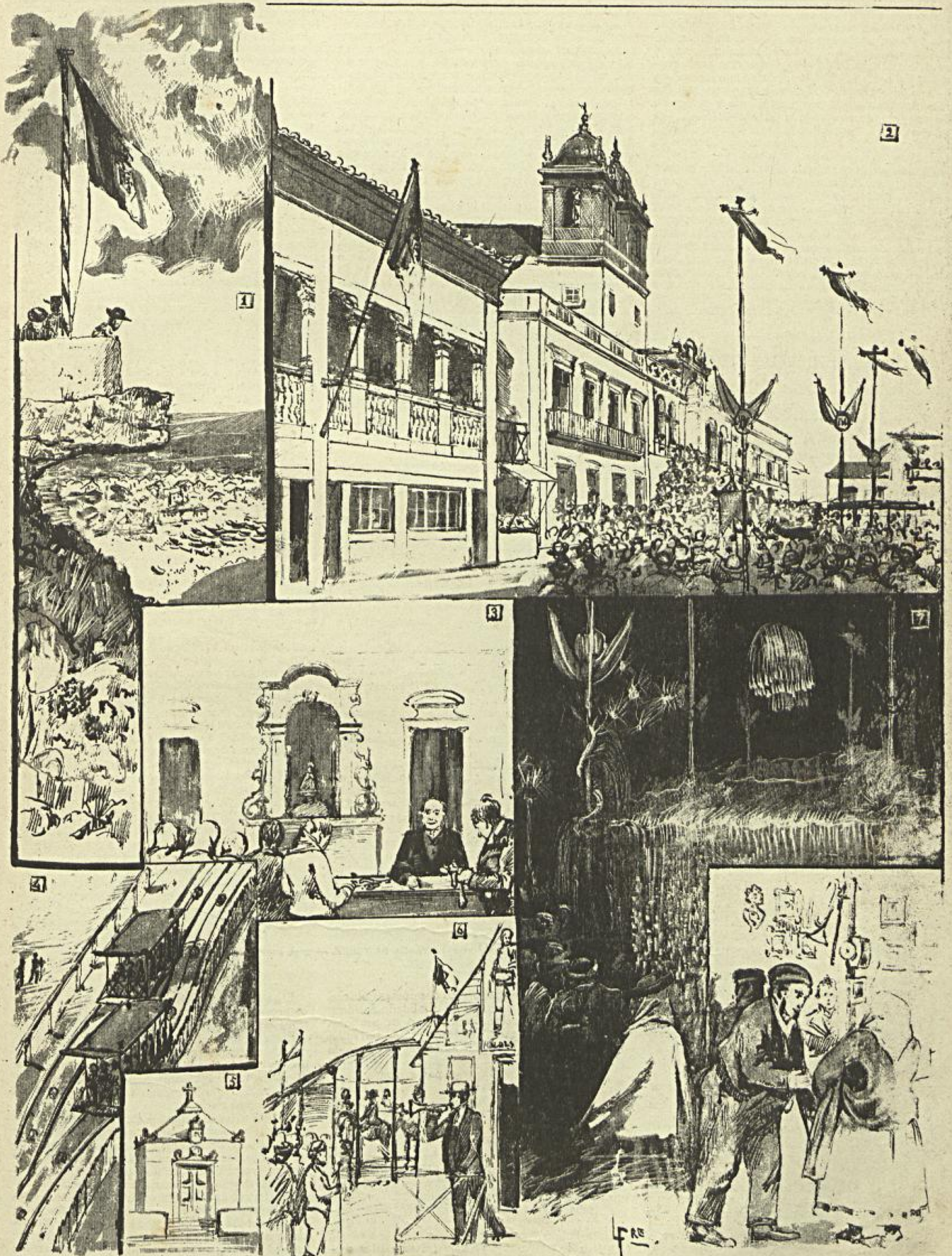
Quando estivemos em Loanda, no anno de 1877, assistimos aos primeiros trabalhos de construcção d'este hospital. No anno seguinte, 1878, já nós estavamos em Benguella.

O major Henrique de Carvalho ficou ao serviço das obras publicas da provincia até abril de 1882.

Finalmente no dia 6 de maio de 1884, levantava ferro do porto de Lisboa o navio que conduzia o major Henrique de Carvalho para a sua expedição ás terras do Muatiânvua.

E aqui teem os leitores, muito resumidamente os prestantes serviços no ultramar do major Henrique de Carvalho.

É esta a folha de serviços de um homem, que, na idade em que todos são conselheiros, deputados de qualquer ministro, ou chefes de um partido conservador, é simplesmente major de infanteria, vivendo pobremente, auferindo apenas o soldo da patente.

Quando deram a Henrique de Carvalho o commando d'esta expedição, que representava a honra nacional, a dignidade portugueza, que tinha de mostrar a regulos poderosos (que se acham em relações com potencias do valor da Allemanha e da Inglaterra) que *Muene Puto*, o senhorio incontestado de toda a Africa central, era o mais rico, o mais forte, — porque o gentio d'aquellas paragens não admitte outro poder alem do que lhe é ensinado pela tradição de seus maiores, e a tradição diz-lhe que Portugal (*Muene Puto*) era o senhor de todas as Africas! — o governo do rei de Portugal, gratificava este official com uma men-

1 O Rochedo do Milagre.—2 Egreja e Real Casa da Nazareth.—3 A Casa do Despacho.—4 O Elevador.
5 Capella da Memoria.—6 A Barraca dos Saltimbancos.—7 O Fogo de artificio.

AS FESTAS DA NAZARETH

(Desenhos de L. Freire)

salidade de 150$000 réis, o mesmo que tem qualquer director burocrata pelo seu analphabetismo.

E é este discuido, este desprezo, quando não é propositada aggressão por tudo que trabalha, que visa a um ideal e não a uma conezia, por todo aquelle que *não falla muito porque tem razão* (como dizia o Xa Madiamba), por toda a dedicação que se não torna publica pela magnificencia das recompensas — que nos tem levado a descer de degrau em degrau toda a escada dolorosa, ha tempo com a Hespanha, hontem com a França, hoje com o inglez, até ao patamar lamacento do tratado anglo-luso de 20 de agosto.

Bem haja o benemerito cidadão, o brioso militar, o illustre africanista Henrique de Carvalho, que tudo poz de parte, familia, ingratidões, agasalho patrio, injustiças, e lá foi para essa Africa, esse sorvedouro de tanto generoso sangue portuguez, para essa Africa que os poderes publicos só conhecem como *terra de degredados!* Para lá foi, arriscar a vida, perder a saude, servir os outros e inutilisar-se a si, porque n'este desgraçado paiz só mandam os homens que o Xa Madiamba tão bem classificava.

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXIV

Entretanto á menina Alice o agarrar-se á sua ultima taboa de salvação era muito mais facil de dizer que de fazer.

Essa taboa, que se chamava Quim Barradas não estava tanto á mão como isso.

A noticia do casamento da Ignacinha não podia ter vindo em peior occasião.

Como dissemos a Alice, contra o seu costume estava n'esse momento solemne presa apenas a uma unica amarra, coisa que talvez desde que punha pó de arroz na cara era a primeira vez que lhe acontecia, e além d'isso, para cumulo de má occasião, até essa unica amarra estava longe como todos os demonios.

Desde o dia do primeiro duello, que a Alice não punha os olhos no seu namorado da vespera.

Tinha-lhe escripto bastantes cartas, mas as suas missivas tinham ficado quasi todas sem resposta.

E tomada a resolução de casar com o Quim, de appellar para elle como para supremo recurso, a Alice encontrou-se logo face a face com uma duvida terrivel.

O Quim estaria pelos ajustes?

A Alice fiava-se muito no poderio dos seus encantos, no imperio das suas graças, mas o que era necessario para ella poder exercer esse imperio, esse poderio era ter alguem sobre quem o exercer.

O Quim era esse alguem, e evidentemente na memoravel *soirée* da casa dos Leitões tinha-se curvado rendido de amor aos seus pés.

Mas depois abalára e a questão agora era agarral-o, acorrental-o ás suas fascinações para poder fazer d'elle um marido.

Onde pararia elle?

Nas Olarias, era claro; e portanto era para as Olarias que ella tinha que dirigir as suas baterias.

E tirando-se dos seus cuidados, depois d'uma noite sem poder conciliar o somno, conseguiu conciliar uma mão cheia de phrases vulcanicas, n'uma folha de papel arrendado com corações em relevo, o luxo da epoca, e arrancando vinte e cinco réis ás suas economias, metteu essa carta n'um sobrescripto, estampilhou a, enderessou-a ao seu futuro provavel marido, e mandou-a deitar no correio, pela manhã, pelo rapaz do talho, que era a primeira pessoa que batia sempre á porta.

XXV

O Quim dormia tranquillamente na sua cama o seu primeiro somno socegado d'aquelles quinze dias.

As pazes com o Dominguinhos depois d'aquelles dias de correrias, de lambadas, e de prizão na casa da guarda do Passeio, tinham sido o Iris da Bonança, depois da formidavel tempestade que tão ferozmente atormentara a sua vida.

Desde aquella maldita noite da *soirée* do Leitão o Quim nunca mais tivera uma noite de descanço completo, um somno de que se dissesse: *Benza-te Deus!*

E tudo por causa do Dominguinhos, do terrivel Dominguinhos, que o não deixava um momento, querendo ou por bem ou por mal arrancar-lhe a vida.

Finalmente n'aquelle dia da casa da guarda, que elle julgara com boas razões ser o ultimo dia da sua vida, o horisonte de azeviche que parecia ameaçar um cataclysmo immediato aclarára-se de repente, com a presença do sr. Leitão e do commandante das guardas: no dia immediato o bom tempo restabelecera-se de todo, e tempo fixo, com a reconciliação feita com o Dominguinhos, e o Quim deitara-se na sua cama socegado, pela primeira vez depois d'uma quinzena, sem ter cuidados nem preoccupações, que lhe perturbassem o somno, e adormecera como pedra que cae no poço, fazendo votos pelas felicidades do proximo hymineu do Dominguinhos com a Ignacinha, hymineu a que devia aquella tranquilidade beatifica que lhe sorria agora, e que já ia julgando perdida para todo o sempre.

E então, apanhando-se sem cuidados, contente com a vida, da qual tinham desapparecido todas as nuvens negras, e cheio de somnos atrazados, o Quim dormia como um bemaventurado, sem se importar para nada com o sol que ha muito tempo lhe entrava pelas fisgas da janella.

A sua irmã a Emilinhas tinha já ido duas vezes ao quarto para o accordar, porque eram horas de ir indo para a Companhia dos Seguros, mas vira-o a dormir tão bem que não tivera animo para o despertar.

Emfim, ahi pela volta do meio dia o Quim accordou, espreguiçou-se e tocou a campainha para chamar a mana para lhe perguntar quantas horas eram.

Ao mesmo tempo que a campainha do quarto do Quim tocava, repenicava a campainha da porta da rua.

A Emilinhas que vinha pelo corredor para ver o que o mano queria, passava pela porta n'este momento e abriu-a a ver quem era que batia.

Era o correio.

Metteu uma carta pela grade da cancella e desceu a escada a quatro e quatro.

A Emilinhas pegou na carta e olhou para o sobrescripto.

Era para o mano.

A letra porém não lhe era de todo desconhecida.

Affirmou-se n'ella.

— Eu conheço esta lettra. É de mulher com certeza!

A campainha do quarto do Quim tocava outra vez.

— Já lá vae! Já lá vae! gritou cá de longe a Emilinhas para socegar o mano que começava a estar impaciente com a demora.

— Que horas são? perguntou o Quim apenas a irmã lhe entrou no quarto.

— Está a cahir o meio dia! disse a Emilinhas indo abrir a janella.

O sol entrou ás lufadas pelo quarto dentro e o Quim cerrando os olhos á claridade brilhante que de repente lhe feria a vista, espantou-se muito com a hora que sua irmã lhe annunciava.

— O que? Meio dia já! Isso não pode ser.

— Está a dar se não deu ainda.

— Mas então porque não me chamaste tu? Ora valha-me Deus! Eu hoje que queria ir á Companhia sem falta. Tinha lá que fazer uma coisa urgente.

— Não me disseste nada hontem, e por isso eu vi-te a dormir tão socegado que tive pena de te accordar.

— E dormi, lá isso dormi perfeitamente, como ha muito tempo não dormia, confessou o Quim espreguiçando-se outra vez com o sorriso beatifico de quem se sente muito regalado.

— Ah! toma lá esta carta! disse-lhe a Emilinhas, dando-lhe a carta que recebera do correio.

— Mau! lá principiam as cartas! murmurou o Quim que tinha já mau agouro com as missivas, porque, como decerto se lembram ainda, durante um par de dias foram as cartas que lhe trouxeram as más noticias, que lhe atrapalharam a sua vida.

— E' lettra de mulher!

— De mulher?

— Sim, pelo menos parece. E essa lettra não me é estranha.

— De mulher! Só se é da Alice, disse o Quim pegando na carta.

— Não, da Alice não é, a lettra d'ella conheço eu bem.

— Tambem não me parece, não, opinou o Quim mirando a calligraphia do sobrescripto.

E abrindo-a murmurou meio curioso, meio inquieto:

— De quem demonio será?

Tirou do sobrescripto a carta, e sem a ler correu logo ao fim, á assignatura e exclamou:

— Pois é! E' d'ella!

— De quem? Da Alice?

— Sim!

— Pois então escreveu com outra letra porque a lettra d'ella não é essa.

— E que testamento! disse o Quim medindo as proporções da carta, que occupava as quatro paginas da folha de papel e ainda continuava em linhas cruzadas n'outro sentido

— Estava em veia de escriptora! commentou a Emilinhas. O que quer ella?

— Não sei, vou ver, disse o Quim deitando-se outra vez para baixo para lêr a carta.

Mas antes de chegar ao fim da primeira pagina sentou-se na cama, n'um impeto, como se tivesse sido acommettido d'alguma dôr violenta.

— O que é? perguntou assustada a Emilinhas ao ver o espanto que se lhe estampara no rosto.

— Já vaes ver.

— Mas...

— Deixa-me primeiro acabar, chegar ao fim, disse o Quim continuando a leitura sentado na cama.

A leitura foi demorada, e durante ella Emilinhas cheia de curiosidade seguia no rosto de seu irmão as impressões varias que lhe causava a carta, que ia lendo, impressões que principalmente eram dominadas por uma grande sensação de espanto.

— Mas o que é? perguntou-lhe por tres ou quatro vezes a Emilinhas.

— Lê! disse-lhe o Quim quando acabou a leitura e passando-lhe para a mão a carta. Lê!

(Continua)

Gervasio Lobato.

ESTUDOS HISTORICOS

O GENERAL GOMES FREIRE

(CAMPANHAS EM PORTUGAL E FRANÇA)

III

O martyr

(Continuado do n.º 422)

«Acompanhámol-o até chegar ao logar assignalado, onde chegámos pouco mais ou menos ás 11 horas; não pude reconhecer positivamente a casa, porque a noite era muito escura, mas sei que era perto de Rilhafolles, e, como ao depois se descobrio, a propria habitação do alferes José Ribeiro Pinto.

«Devo notar uma particularidade que me fez fazer algum reparo, e que nunca pude saber qual era a sua significação: a cousa de 20 passos de distancia da casa onde deviamos ser recebidos, Cabral sacou da algibeira um grande masso de papeis, e os metteo em um cano rente do muro. Mandou-nos pôr na distancia de vinte passos um do outro, fallou a hum homem de capote, e batendo certas pancadas no chapeo, fallou a hum homem, que chegou a huma janella d'um andar, e disse-nos que o seguissemos, e que se atravessasse a rua, fossemos atraz d'elle e entrassemos onde elle entrasse; e assim o fez, e entrando todos trez, vendou-nos os olhos, e pegou-nos pelos pulsos, e ordenou-nos que se elle apertasse dissessemos «*Deus vos Guarde*»: fez-nos subir varias escadas, e batendo trez pancadas em huma porta, abrio-se esta; fallou em segredo com o que lh'a abrio, e disse em voz alta; «*enganámo-nos, estamos enganados*;» eu temendo não fosse alguma traição, desvendei immediatamente os olhos, e vi hum homem, que no Passeio publico me havia sido apresentado por Cabral, que era o Campello, e outro que não conheci, e todos affirmarão que tinha havido grande novidade que ignoravão, e que não podiamos ser recebidos. N'esta mesma noite nos apresentarão como conjurados, Pinto, alferes do n.º 4 de Infanteria, Campello, e o major Neves, d'Atiradores, e nos derão mil satisfações do que nos havia acontecido, e nos disserão que nossa recepção seria presidida por huma *authoridade*, e que até nos dispensarião d'algumas formalidades, exagerando o numero e qualidade dos individuos, e a força da conspiração. Na manhã de 8 (maio) se dirigio Cabral a minha casa, e mostrou-me o plano da conspiração (que não sei se a policia o apanhou) e confesso que estremeci, e me horrorisei ao ver tantos assassinatos e desordem premeditados; e desde aquelle momento, não tive tanta repugnancia a entrar por salvar a minha Patria de tão horrorosas scenas.»

«Fallou-me tambem n'esse dia Cabral, do jantar do coronel Monteiro, Neves, Major de atiradores, barão d'Eben, hum americano inglez, e o general hespanhol Cabanas, que me disse, se achava disfarçado em Lisboa, e que devia partir immediatamente para Hespanha, o que se effectuou; e que

entretinha a correspondencia dos conspiradores hespanhoes comnosco, affirmando deverem rebentar as conspirações em o mesmo dia, em ambas as nações, o que os outros depois me confirmarão. Este jantar teve logar na casa de pasto, denominada *Leão d'Ouro*; passaram-se mais algumas particularidades, e eu no dia 9 de madrugada me dirigi a casa do Marechal, e no seu proprio quarto de cama lhe declarei tudo o que se havia passado.»

«No dia 10 á noite fômos finalmente conduzidos pelo mesmo Cabral (que até então nos tinha demorado com o pretexto de que huma grande pernonagem deveria presidir á nossa recepção) á rua de S. Bento n.º 51, onde, feitas as mesmas cerimonias, que da primeira vez, e que já mencionei, fomos introduzidos n'uma pequena sala, e desvendados os olhos, vimos sobre huma meza huma só luz cercada d'um papel pardo, para fazer o quarto mais escuro, e estavão presentes o alferes Pinto de n.º 16, presidente, o alferes Pinto de n.º 4, o Cabral que nos servia de padrinho, e outro sujeito que não conhecia, e que nos disseram ser o morador da dita casa, que depois soube era o sargento de brigada de infanteria, Henrique, retirado do serviço.»

«Depois de nos terem dado huma desculpa por não se acharem presentes os personagens, que Cabral nos tinha dito, e de nos dizerem que nos dispensavam de todas as formalidades; o alferes Pinto do n.º 16, nos fez hum discurso, no qual desenvolveu o estado de decadencia em que se achava Portugal, e quanto importava a todos derribarem um governo tão injusto, para salvar a Patria. Respondi-lhe que estavamos promptos para fazer tudo quanto podesse promover o bem da nação; mas observei-lhe ao mesmo tempo, que temia que por meio d'uma conspiração não ficassemos em peior estado, visto que eramos pequenos, e que a nossa existencia dependia, por assim dizer, das potencias estrangeiras; respondeu-me que tudo estava calculado; que esta conspiração era de accordo com os liberaes hespanhoes, que o general Cabanas se achava em Lisboa por parte d'elles, e que obrava de accordo com o *Supremo Conselho Regenerador*; que devia submetter-me segamente ás ordens do *Supremo Concelho Regenerador*, e confiar na sua prudencia e sabedoria. Alem de que, accrescentou elle, eu seria apresentado brevemente a Gomes Freire, e que elle descobriria todo o plano; que por ora o que se exigia de mim era, que me encarregasse de *plenos poderes*, para revolucionar os officiaes, e outras pessoas na provincia da Beira Alta, principalmente o brigadeiro Luiz Maria de Souza Vahia, de quem eu era ajudante d'ordens, preparando-me a partir quanto antes.»

«Apresentou-me duas meias folhas de papel, nas quaes estavam escriptos os juramentos em duplicata que assignei, e o mesmo fez o bacharel João de Sá. Depois d'isto nos retirámos, tendo convencionado de nos ovistarmos dentro de poucos dias, para hirmos ao *Supremo Concelho Regenerador* onde me deverião ser entregues as Credenciaes e instrucções, munido das quaes eu deveria partir para o meu destino.

«No dia 11 fomos convidados para assistir a huma recepção que se devia fazer ás Chagas, mas que se não effectuou; e me derão quatorze pergaminhos para fazer tarjas, que devião ser para credencias. No dia 13 lhes levei dois promptos, e me derão huma cifra, a qual entreguei ao Marechal, e tambem se não effectuou a dita recepção n'este dia; e me disserão que eu deveria marchar infallivelmente na sexta-feira, e que na quinta receberia em casa do architecto, Francisco Antonio de Souza, da mão de *Gomes Freire*, todos os papeis para a minha commissão; não se effectuou n'este dia 15, e promettendo-me ser no dia 16, que tambem se não effectuou, dizendo-me que no outro dia 18, hiria ás Pedreiras de Alcantara, devendo levar *fosforos e duas velas de cera*, e que ali em huma *caverna*, receberia tudo das mãos de *Gomes Freire*; e tambem n'este dia se não effectuou; e me disserão que *Gomes Freire* não podia hir, que de huma commissão receberia tudo em casa do architecto Francisco Antonio de Souza, na rua da Fabrica da Seda, ao pé do largo do Rato, o que tambem não teve logar n'este dia 18, e n'esta noite fomos ao Marechal relatar-lhe o acontecido, e João de Sá lhe mostrou a grande proclamação que nos havia sido lida por Cabral, e o Marechal lhe tornou a entregar. Com effeito no dia 19 á noite, hindo-me encontrar com o alferes Pinto do n.º 16, á loja de bebidas do largo do Rato, este me conduzio a casa do dito architecto, que me recebeo na sua livraria, aonde estavão presentes o coronel Monteiro, como presidente, o architecto como orador, e o major Neves de Atiradores, que tinha ficado de hir, não appareceo. O meu conductor tirou da algibeira huma parte dos papeis, de que me munirão, e os entregou ao presidente, que tirou o resto da sua; e recebi da sua mão os papeis seguintes: — trinta e tantas proclamações impressas (que eram os papeis que trouxe o meu conductor, em differentes massos com letreiros por fóra: *para a Guarda, para Vizeu, para Trancoso*, etc.) e o orador me fez huma oração bastante energica, persuadindo-me á revolta e querendo desvanecer os sentimentos de fidelidade a El-Rei, e os meus primeiros juramentos; d'aqui marchei logo ao pateo do Saldanha, onde cheguei pela uma hora da noite, a casa do visconde de Jerumenha, onde se achava o capitão Corvo e o Marechal, entreguei tudo a este, e no mesmo momento tiramos copias para enviar a El-Rei, pelo dito visconde que estava proximo a partir para o Rio de Janeiro, e eu parti no outro dia 20, para Santarem, onde Cabral tambem devia chegar, para fazer proselytos. Antes porém de partir, lembrando-me de que as instigações de Cabral poderiam resolver alguns officiaes a entrarem na conspiração e compromettel-os, alcancei do Marechal a ordem para poder authorisar alguns d'entre elles, afim de prevenir esta desgraça. Nunca sollicitei ninguem para entrar na conspiração, nem assisti senão á persuasão de Christovam da Costa, alferes de n.º 10 de cavallaria, o qual só se resolveo a dizer que sim por Cabral o persuadir deante de mim que eu tambem fazia parte dos conspiradores, e dizendo-me elle mesmo que essa condescendencia era devida á minha pessoa, julguei do meu dever salval-o, quando descoberta a conspiração elle foi preso e devia ser punido como os demais.»

«São bem notorias as diligencias que fiz para o salvar, fazendo lembrar ao Marechal a palavra que me tinha dado, de que ninguem soffreria por minha causa, e expondo a S. Ex.ª a minha firme resolução de me hir eu mesmo offerecer á Justiça e declarar que era eu quem devia ser punido em logar d'elle. O Marechal desempenhou a sua palavra, tomando medidas efficazes, em consequencia das quaes o dito Christovão foi posto em liberdade. Quanto ás instrucções e mais papeis que tinha recebido os entreguei, depois de presos os reus, o que teve logar na minha ausencia; bem entendido que não distribui nenhuma proclamação, nem me conformei com nenhuma das instrucções que tinha recebido, porque nunca ha sido minha intenção comprometter ninguem, e se taes tivessem sido os meus desejos teria compromettido muita gente.»

«Os conjurados que foram presos, exceptuando o alferes Pinto do n.º 16, que foi depois em Guimarães o que deu um tiro em si mesmo de que ficou gravemente ferido, e o unico que mostrou caracter n'esta circumstancia, não tardarão em descobrir os cumplices, e por consequencia eu tambem fui descoberto, e declarado como tal, e deu-se ordem para me prenderem em Trancoso, onde então me achava, e recebi ordem do Marechal para vir a Lisboa, onde cheguei em 18 de junho, vinte e quatro dias depois da prisão dos conjurados, e então entreguei ao Marechal todos os papeis originaes que tinha recebido, os quaes o mesmo Marechal me ordenou, no dia 21 de junho, fosse entregar ao Intendente da Policia, o que executei no dia 22.»

«Fiquei então em Lisboa com licença. Fui citado pelo Intendente da policia para aparecer como testemunha. Não me lembro ao justo do dia em que fiz o meu depoimento, mas estou certo que nos primeiros dias do mez de julho.»

«O meu depoimento deve constar do processo. Elle consiste pouco mais ou menos na mesma exposição que agora faço. Devo porém notar que, querendo eu fazer constar que tinha sido implicado n'este negocio por ordem superior, e apresentando esta ordem, e desejando que ella fosse mencionada no dito processo não o pude obter. Tem-se-me arguido de ter deposto contra *Gomes Freire*, denunciando-o como conspirador e ha sido justamente esta arguição o que tem feito o meu caso mais odioso; porém nada ha mais falso, porque, perguntado sobre este particular respondi que nunca tinha visto nem fallado com *Gomes Freire*, nem tinha motivo algum para presumir que elle fosse um dos conspiradores, senão o que tinha ouvido dizer a Cabral.»

«Eis a verdade de tudo e a parte que tive n'este tragico acontecimento. Mas, quanto a simples verdade, d'isto que tenho relatado, se acha distante das malevolas e calumniosas asserções que contra mim tem espalhado meus crueis inimigos, para manchar a minha honra e denegrir o meu nome e reputação! Tem-se espalhado e acreditado em publico os boatos mais falsos e absurdos que se possam imaginar! Huns dizem que eu me deixara envolver n'esta conspiração movido unicamente pelo vil interesse de obter huma recompensa; e não ha cousa mais facil do que provar o contrario. Já se acha provado de facto; porque he constante, que antes d'este acontecimento já eu era capitão, e capitão estou ainda hoje, tendo-se passado quatro annos e mais.»

«Se alguem pode persuadir-se que huma capella de que Sua Magestade foi servido conceder-me, considerando outros serviços que lhe fiz e á patria, como consta da certidão inclusa, a qaul rogo a V. m. queira publicar, para que conste que eu não careço de allegar outros serviços, para merecer huma recompensa, senão aquelles que á custa do meu sangue, lealdade e zelo, com que defendi o meu Rei e a minha patria, tenho direito a exigir d'ella, e n'essa conta tenho a pensão que Sua Magestade ha pouco me concedeu, ainda que a não tenho cobrado.»

«O certo he, que eu não pesso nem nunca pedirei recompensa pelo grande serviço que fiz em cumprir as ordens que recebi, e que executei sem estipulação de interesse, descobrindo e fazendo cessar huma conspiração, que se tivera hido ávante, tivera ensanguentado a patria e attrahido sobre ella todo o genero de desgraças; nem até aqui tenho tirado outro proveito, senão ver-me privado da minha familia e manchada com calumnias e invectivas a minha honra, e a pureza das minhas intenções.»

«Por conclusão, o que me determinou a cumprir as ordens que recebi do Marechal, ha sido a intima persuasão de que n'isso não perigava a minha honra, antes me seria deshonroso deixar de obedecer ás ordens dos meus chefes e recusar o sacrificio da minha vida e de tudo que me he caro, quando assim o exigir o bem da patria. Estou tão firme n'estes principios que ainda mesmo, apesar dos incommodos, que tenho soffrido, estou firmemente disposto a obrar da mesma maneira todas as vezes que me for ordenado, para sustentar os direitos do meu Soberano, e governo do meu paiz. Eis os meus sentimentos, e as minhas acções, julgue me a nação e o governo, mas julgue-me sobre a verdade e não sobre calumnias inventadas por meus inimigos.»

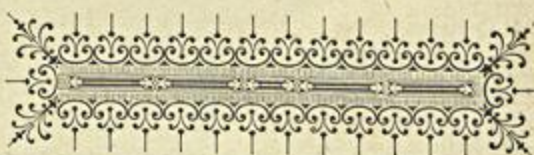
Tenho a honra de ser, etc.

Pedro Pinto de Moraes Sarmento

*
* *

Por este documento, assignado por um dos homens apontados como denunciantes do general Gomes Freire de Andrade, se demonstra o modo tumultuoso, traiçoeiro e vingativo do processo-crime, com que o seu rival Beresford conseguiu assassinai-o publicamente da maneira mais ignominiosa e mais cobarde.

(Continúa)

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

Não é facil vêr claro atravez dos acontecimentos politicos que todos estamos presenciando, e por mais esforços que façamos para não ser illudidos, não sabemos acertar com a verdade.

O que se tem passado em Lisboa n'estes ultimos dias e repercurtido mais ou menos nas provincias, tanto nos póde alegrar como entristecer.

Se esse movimento de reacção contra o tratado Anglo-Luso como a ultima aviltação infligida pela Inglaterra a Portugal, é effectivamente o despertar expontaneo e sincero do paiz, para condemnar de vez a politica que o tem conduzido e este lastimoso estado, e entrar n'um caminho de regeneração, em vez de nos insurgirmos contra o bretão pela sua brutalidade e criminosa ambição, antes lhe agradecemos o prodigioso vesicatorio que nos aplicou sobre o dorso, pelo benefico derivativo que conseguiu.

Então alegremo-nos.

Mas se todo este movimento perturbador da ordem, que já se assignala com algumas victimas, é apenas o producto de especulações partidarias incitando o povo á desordem para conseguirem os seus fins, malditos sejam os que sobre as ruinas da patria jogam a sua tunica, ultima alfaya que lhes resta da bachanal orgia.

Então intrestecem'o-nos.

E não se pense que estamos apenas a fazer es-

tylo, a rendilhar phrases para enchermos estes quartos de papel.

O ignominoso tratado anglo-luzo foi a ultima gota que fez estravasar o calix. Foi elle que levantou na imprensa esse combate aberto e decidido que chegou até ás manifestações da rua. Foi a reacção contra o tratado que determinou a queda do governo que o confeccionou, como não podia deixar de ser. Foi ainda elle que provocou as scenas pouco rhetoricas e assaz positivas que se deram no parlamento, no dia 15 do corrente. Emfim foi o tratado que fez sahir á supuração toda a indignação dos homens politicos no seio da representação nacional, secundando a que cá fóra expluia sincera de alguns corações verdadeiramente patrioticos.

Perfeitamente.

Mas se isto é assim, como se explica uma certa manobra de virar de rumo, que já para ahi vemos ensaiar, havendo tal que já tem o leme de ló como a virar com toda a força? !

Porque é que os que até aqui defendiam o tratado já vão principiando a achal-o mau, e os que o condemnavam, vão dizendo que não é susceptivel de se obter melhor? !

Então quem está em jogo, são os partidos ou a patria?

Continuemos a estar tristes!

O tratado é o que todos sabem, pois ainda ha uma coisa peior que o tratado: são as revelações que nos faz o Livro Branco.

Essas revelações são um verdadeiro sudario de ignominia.

Entre outras baixezas e inconveniencias que relata, resalta a do embaixador portuguez ter esperado quatro horas na antecamara do *Foreign Office* trocando bilhetinhos com Salisbury sobre os preleminares das negociações, na mais ridicula e aviltante posição.

Por aquelle preço não valia acceitar nem a completa desistencia das pretenções da Inglaterra sobre a Africa, quanto mais o ser ainda roubado.

O embaixador portuguez ali não se sacrificava pela patria, aviltava-a.

A patria pede a seus filhos a vida, mas nunca lhes exigio que se aviltem por ella.

Tens-te vingado bem bretão, das baixezas porque te fez passar um marquez de Pombal.

E porque a tua historia não tem parallelos com a nossa, e nas suas paginas vazias apenas podes escrever as tuas torpezas, o deve e haver da tua rapina e agiotagem, não te valhas dos pussilanimes que degeneram d'esta patria, para envenenares com a tua baba peçonhenta e escureceres com o teu céo negro as virtudes e os esplendores de luz que ressaltam da nossa historia.

Mas lá nos perdiamos com o bretão a falar-lhe de coisas que elle não entende, e deixavamos o leitor á espera da solução da crise politica que os acontecimentos determinaram.

Pois tem que esperar caro leitor, porque a crise não é das que se resolvem com a simples mutação de personagens na scena politica, pela difficuldade que ha em encontrar personagens que satisfaçam as exigencias d'este momento historico.

O governo pondo a sua demissão nas mãos de El-Rei, foi victima da situação que o *ultimatum* de 11 de janeiro veio estabelecer, e não obstante esse governo viera para conjurar o mal.

Será ainda com a mesma situação, que o governo que vier terá de luctar, e se elle não tiver animo resoluto e a audacia indispensaveis para dar outra direcção á politica seguida até aqui, sossobrará como os seus antecessores, e a situação não terá melhorado, antes se terá aggravado.

Isto só prova uma coisa: é a falta absoluta que temos de estadistas, apesar de abundarem tantos conselheiros effectivos e honorarios.

Espera-se que venha de Roma o sr. Martens Ferrão, chamado aos conselhos da corôa.

Que s. ex.ª traga as prerogativas milagreiras da corte beatifica d'onde vem, para operar o prodigio de salvar a honra do paiz sem romper as relações com a nossa *fiel alliada!*

Não é facil ver claro atravez dos acontecimentos politicos que todos estamos presenciando.

João Verdades.

NAZARETH — O FORTE DE S. MIGUEL

(Desenho de L. Freire)

PUBLICAÇÕES

Piquillo Alliaga *ou os mouros no tempo de Philippe III*, por Eugenio Scribe, versão de Guilherme Rodrigues. João Romano Torres, editor. Lisboa. Este romance pertence á collecção publicada sob o titulo. *Bibliotheca do Recreio* e consta de 5 vol. in-8, illustrados com gravuras de Caetano Alberto. Aqui tem os amadores de Scribe um romance de encher as medidas e tanto assim que a edição tem tido grande procura, prova de que os grandes nomes litterarios não esquecem facilmente.

As Mil e Uma Noites *contos arabes edição illustrada, revista e corregida segundo as melhores edições francezas*, Versão livre de Guilherme Rodrigues. João Romano Torres, editor, Lisboa, 1890. Primeiro volume d'esta obra de que se tem feito innumeraveis edições em todas as linguas, e sobejamente conhecida e apreciada no nosso paiz, como o primeiro livro de historias phantasticas como só as podia produzir a imaginação oriental.

Muitas d'essas historias de encantos e fadas com que as velhas tias nos enlevavam na infancia, não são mais que remeniscencias das *Mil e uma noites*, e se essas historias nos enlevavam em crianças, não nos entretem menos na adolescencia ou na velhice, tal é a superioridade do engenho com que são escriptas.

As *Mil e Uma Noites* é, para assim dizermos, um livro eterno, que em todas as epocas tem sido recebido sempre com o mesmo interesse e agrado do publico e que não o será menos agora, n'esta edição que se está fazendo illustrada com gravuras e chromos e bem vertida em portuguez.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª

Rua Nova do Loureiro, 25 a 43